

# TESTEMUNHOS DA ESCRAVATURA MEMÓRIA AFRICANA

PASSADO E PRESENTE

**LISBOA  
2017**



Capital  
Ibero-americana  
de Cultura

---

**A MAQUETA DE LISBOA ANTERIOR A 1755**

---



*são em tão grande número  
que as cidades parecem jogos de xadrez,  
tantos os brancos quantos os negros*

anónimo italiano, c.1580

---

Durante séculos, Lisboa foi o maior entreposto negreiro do mundo. A partir de 1512, por decisão do rei D. Manuel I, a cidade passou a deter o monopólio do tráfico de escravos.

Em pouco tempo, a cidade assimilou uma população desconhecida e heterogénea, diferente pela cor da pele, pelos trajés que usava, pelos trabalhos que executava e pela forma como se comportava. É impossível saber quantos escravos habitaram ou passaram por Lisboa entre os séculos XVI e XIX e as suas exatas procedências. Os relatos de estrangeiros sobre a capital sobrevalorizaram a presença destes cativos, mas uma informação de 1551 esclarece que a população escrava devia rondar 10% do total de habitantes da cidade.

Não era fácil a chegada a Lisboa. Arrancados das suas terras de origem, os escravos faziam a travessia por mar nos porões das embarcações. No porto, eram registados ainda no barco, como «peças» de mercadoria e encaminhados para a Casa da Índia e, mais tarde, para a Alfândega Nova. Os escravos, previamente organizados em lotes, eram sujeitos a uma rigorosa inspeção física e colocados em leilão público, ao qual acorriam nobres, clérigos, comerciantes e intermediários de países estrangeiros. Começavam assim uma nova vida, em trabalhos forçados ou domésticos, ou em funções de apoio à agricultura, carregamento de embarcações e outras atividades.



*Ex-voto*  
Pintura sobre madeira | séc. XVII  
Museu do Terço - Igreja de Santa Catarina

Da imensa população escrava que passou, viveu e morreu em Lisboa, ficaram impressionantes testemunhos na vida da cidade, na toponímia e na história de alguns dos seus principais lugares, ainda hoje identificáveis na maqueta que representa Lisboa antes do Terramoto de 1755. Grande parte dos escravos era batizada à chegada a Lisboa. Esta medida proporcionou a integração de muitos deles na comunidade católica, que, por sua vez, autorizou a criação de confrarias de negros. Estas instituições asseguravam a proteção possível contra maus tratos, garantiam o sepultamento condigno e, em alguns casos, a alforria.

É provável que a primeira confraria a acolher escravos negros tenha sido a de Nossa Senhora do Rosário, no Convento de São Domingos, ainda no século XV, mas o exemplo multiplicou-se por outros estabelecimentos religiosos da capital.

Mesmo como atores menores de uma sociedade hierarquizada e discriminatória os escravos figuravam com algum destaque, na maior procissão lisboeta, do Corpus Christi. Em 1719, nela participaram três confrarias de negros: Jesus Maria José (convento do Carmo); Nossa Senhora do Rosário (convento da Trindade) e São Benedito (convento de São Francisco).

Apesar do número restrito há, ainda, algumas igrejas de Lisboa que evocam as antigas confrarias de negros e os seus oragos.

## A grande maquete de Lisboa anterior ao Terramoto de 1755

foi concebida pelo olisipógrafo Gustavo de Matos Sequeira, que contou com o trabalho artístico de Ticiano Violante (edifícios) e Martins Barata (embarcações).

Foi realizada em duas fases, na década de 50 do século XX, encontrando-se exposta no Palácio Pimenta desde 1982. Em 17 tabuleiros, representa-se a cidade nas vésperas do cataclismo, entre Alcântara e Santa Apolónia, entre o rio Tejo e uma linha a Norte pouco depois do Rato e da Senhora do Monte.





S. Benedito  
Padroeiro dos cozinheiros  
Capela de N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. do Rosário – Igreja da Graça (22)

### 1. Bairro do Mocambo (atual Madragoa)

Designação a partir do séc. XVI para um dos bairros ocidentais da cidade que se converteu num território habitado por pescadores e escravos negros. O termo pode ter raiz numa língua africana, mas desconhece-se a razão pela qual foi, tão cedo, associado a este bairro.

### 2. Rua do Poço dos Negros

Ainda hoje a olisipografia se divide sobre este topónimo. De um lado, sustenta-se que a origem do nome radica numa carta régia de D. Manuel I, datada de 1515, que pedia à cidade de Lisboa que se construísse um poço para depositar os corpos dos escravos mortos, abandonados nas ruas da cidade, após surtos epidémicos. Do outro lado, considera-se que o nome está associado ao Convento de São Bento da Saúde ou dos Negros, devido à cor dos hábitos dos frades cluniacenses e ao poço de água que existia no limite sul da cerca do convento, o qual colocaram à disposição da população vizinha. O topónimo está documentado a partir de 1681.

### 3. Cruz da Pedra a Santa Catarina

Corresponde à atual colina de St<sup>a</sup> Catarina onde se localiza o miradouro do Adamastor. Aí existia, desde o séc. XV, uma cruz de pau que servia de guia aos mareantes e que depois passou a pedra. Aqui se lançavam os escravos que morriam, ficando abandonados na praia, à mercê da voragem dos animais.

### 4. Convento de Jesus

Na igreja do convento foi instituída a confraria de Jesus Maria José. Foi também neste convento que se instalou a igreja das Mercês (padroeira dos cativos). Atualmente, numa das suas capelas estão dois santos negros: St<sup>o</sup> Benedito e St<sup>o</sup> António de Noto, ambos de origem escrava, nascidos na Sicília, no séc. XVI.

### 5. Convento de S. Francisco

Na igreja do convento foi instituída, no início do séc. XVII, a confraria de N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. de Guadalupe e S. Benedito, exclusiva da comunidade dos negros com origem na região da Mina.

### 6. Convento da Trindade

Na igreja do convento foi instituída, no séc. XVII, a confraria de N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. do Rosário.

### 7. Convento do Carmo

Na igreja do convento foi instituída, no final do séc. XVI, uma outra confraria também sob a invocação de Jesus Maria José, exclusiva de negros.

### 8. Tribunal da Inquisição (antigo Paço dos Estaus)

Embora convertidos à força à religião católica, muitos escravos continuaram a praticar rituais ligados às suas religiões de origem. Muitos foram, por isso, os processos da inquisição a envolvê-los.

### 9. Largo do Rossio

Eram muitas as mulheres escravas que na feira da ladra, aí realizada à terça-feira, vendiam trastes e trapos velhos.

### 10. Convento de S. Domingos

Na igreja do convento foi instituída, provavelmente no final do séc. XV, a primeira confraria de N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. do Rosário, a aceitar como confrades escravos negros.

### 11. Hospital Real de Todos-os-Santos

Por se tratar de um lugar central frequentado por muita gente, as escravas negras vendiam, nas escadarias do hospital, os mais variados produtos.

### 12. Cais

Chegada e desembarque dos escravos.

### 13. Casa da Guiné, da Mina e da Índia (séc. XVI)

Aqui se processava o registo, a divisão em lotes e a submissão à inspeção meticulosa dos escravos pelos potenciais compradores.

### 14. Alfândega Nova (final do séc. XVI), dita das “Sete Casas”, entre elas a “Casa dos Escravos”

Após a compra do escravo, era neste edifício que se assentava a sua propriedade legal. Também aqui se passava a carta de alforria.



Sta. Efigênia  
Protetora das cidades contra os incêndios  
Capela de N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. do Rosário - Igreja da Graça (22)

#### 15. Praça do Pelourinho Velho

Até ao final do séc. XVI, foi o local do leilão dos escravos. Nela ocorria também o açoitamento público do escravo acusado de qualquer mau comportamento, atitude desafiante ou roubo.

#### 16. Mercado da Ribeira Velha

Local de abastecimento de víveres onde as escravas negras eram utilizadas como vendedeiras de arroz-doce e aletria, favas, chicharos, ameixas cozidas, mariscos ...

#### 17. Rua da Praça dos Escravos

Nome por que era conhecida, no séc. XVI, a rua que ficava entre o Pelourinho Velho e o Mercado da Ribeira Velha.

#### 18. Igreja da Misericórdia

Dona Simoa Godinha, natural de S. Tomé, casada com o fidalgo D. Luís de Almeida de Vasconcelos, mandou construir uma capela lateral na sede da Santa Casa da Misericórdia, instituição que fez sua herdeira universal. Quando morreu, em 1594, aqui se fez sepultar. O corpo principal e a capela-mor da igreja ruíram no terramoto de 1755. A capela de Dona Simoa resistiu e é hoje a capela-mor da atual igreja da Conceição Velha.

#### 19. Igreja da Conceição-Velha ou Conceição dos Freires da Ordem de Cristo (antiga Sinagoga)

Durante o reinado de D. João III (1521-1557), o batismo obrigatório dos escravos foi exclusivo do vigário desta igreja.

#### 20. Chafariz d'el Rei (6 bicas)

Local frequentado por toda a população incluindo os escravos, muitos deles com a função de aguadeiros. Em 1551, uma postura municipal determinou que os escravos apenas podiam servir-se da primeira e da segunda bicas e as escravas da quinta bica.

#### 21. Convento do Salvador

Na igreja do convento foi instituída, no início do séc. XVII, mais uma confraria sob a invocação de N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. do Rosário dos Homens Pretos, neste caso, exclusiva da comunidade originária de Angola.

#### 22. Convento da Graça

Na igreja do convento foi instituída, no séc. XVII, a confraria de N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. do Rosário dos Homens Pretos. Atualmente, numa capela lateral da igreja, continuam presentes as imagens de quatro santos negros: St<sup>a</sup> Efigênia (princesa etíope, séc. I); St<sup>o</sup> Elesbão (imperador etíope, séc. VI); St<sup>o</sup> António de Noto e S. Benedito (ambos escravos sicilianos do séc. XVI).

#### 23. Convento da Anunciada

Na igreja do convento foi instituída outra confraria também dedicada a N<sup>a</sup>. S<sup>a</sup>. do Rosário dos Homens Pretos.

### 1. Bairro do Mocambo (atual Madragoa)

Designação a partir do séc. XVI para um dos bairros ocidentais da cidade que se converteu num território habitado por pescadores e escravos negros. O termo pode ter raiz numa língua africana, mas desconhece-se a razão pela qual foi, tão cedo, associado a este bairro.

### 2. Rua do Poço dos Negros

Ainda hoje a olisipografia se divide sobre este topónimo. De um lado, sustenta-se que a origem do nome radica numa carta régia de D. Manuel I, datada de 1515, que pedia à cidade de Lisboa que se construísse um poço para depositar os corpos dos escravos mortos, abandonados nas ruas da cidade, após surtos epidémicos. Do outro lado, considera-se que o nome está associado ao Convento de São Bento da Saúde ou dos Negros, devido à cor dos hábitos dos frades cluniacenses e ao poço de água que existia no limite sul da cerca do convento, o qual colocaram à disposição da população vizinha. O topónimo está documentado a partir de 1681.

### 3. Cruz da Pedra a Santa Catarina

Corresponde à atual colina de St<sup>a</sup> Catarina onde se localiza o miradouro do Adamastor. Aí existia, desde o séc. XV, uma cruz de pau que servia de guia aos mareantes e que depois passou a pedra. Daqui se lançavam os escravos que morriam, ficando abandonados na praia, à mercê da voragem dos animais.

### 4. Convento de Jesus

Na igreja do convento foi instituída a confraria de Jesus Maria José. Foi também neste convento que se instalou a igreja das Mercês (padroeira dos cativos). Atualmente, numa das suas capelas estão dois santos negros: St<sup>o</sup> Benedito e St<sup>o</sup> António de Noto, ambos de origem escrava, nascidos na Sicília, no séc. XVI.

### 5. Convento de S. Francisco

Na igreja do convento foi instituída, no início do séc. XVII, a confraria de N<sup>o</sup>. S<sup>a</sup>. de Guadalupe e S. Benedito, exclusiva da comunidade dos negros com origem na região da Mina.

### 6. Convento da Trindade

Na igreja do convento foi instituída, no séc. XVII, a confraria de N<sup>o</sup>. S<sup>a</sup>. do Rosário.

### 7. Convento do Carmo

Na igreja do convento foi instituída, no final do séc. XVI, uma outra confraria também sob a invocação de Jesus Maria José, exclusiva de negros.

### 8. Tribunal da Inquisição (antigo Paço dos Estaus)

Embora convertidos à força à religião católica, muitos escravos continuaram a praticar rituais ligados às suas religiões de origem. Muitos foram, por isso, os processos da inquisição a envolvê-los.

### 9. Largo do Rossio

Eram muitas as mulheres escravas que na feira da ladra, aí realizada à terça-feira, vendiam trastes e trapos velhos.

### 10. Convento de S. Domingos

Na igreja do convento foi instituída, provavelmente no final do séc. XV, a primeira confraria de N<sup>o</sup>. S<sup>a</sup>. do Rosário, a aceitar como confrades escravos negros.

### 11. Hospital Real de Todos-os-Santos

Por se tratar de um lugar central frequentado por muita gente, as escravas negras vendiam, nas escadarias do hospital, os mais variados produtos.

### 12. Cais

Chegada e desembarque dos escravos.

### 13. Casa da Guiné, da Mina e da Índia (séc. XVI)

Aqui se processava o registo, a divisão em lotes e a submissão à inspeção meticolosa dos escravos pelos potenciais compradores.

### 14. Alfândega Nova (final do séc. XVI), dita das “Sete Casas”, entre elas a “Casa dos Escravos”

Após a compra do escravo, era neste edifício que se assentava a sua propriedade legal. Também aqui se passava a carta de alforria.

### 15. Praça do Pelourinho Velho

Até ao final do séc. XVI, foi o local do leilão dos escravos. Nela ocorria também o açoitamento público do escravo acusado de qualquer mau comportamento, atitude desafiante ou roubo.

### 16. Mercado da Ribeira Velha

Local de abastecimento de víveres onde as escravas negras eram utilizadas como vendedeiras de arroz-doce e aletria, favas, chicharos, ameixas cozidas, mariscos...

### 17. Rua da Praça dos Escravos

Nome por que era conhecida, no séc. XVI, a rua que ficava entre o Pelourinho Velho e o Mercado da Ribeira Velha.



Sta. Efigénia  
Protetora das cidades contra os incêndios  
Capela de N<sup>o</sup>. S<sup>a</sup>. do Rosário - Igreja da Graça (22)



S. Benedito  
Padroeiro dos cozinheiros  
Capela de N<sup>o</sup>. S<sup>a</sup>. do Rosário - Igreja da Graça (22)

### 18. Igreja da Misericórdia

Dona Simoa Godinha, natural de S. Tomé, casada com o fidalgo D. Luís de Almeida de Vasconcelos, mandou construir uma capela lateral na sede da Santa Casa da Misericórdia, instituição que fez sua herdeira universal. Quando morreu, em 1594, aqui se fez sepultar. O corpo principal e a capela-mor da igreja ruíram no terramoto de 1755. A capela de Dona Simoa resistiu e é hoje a capela-mor da atual igreja da Conceição Velha.

### 19. Igreja da Conceição-Velha ou Conceição dos Freires da Ordem de Cristo (antiga Sinagoga)

Durante o reinado de D. João III (1521-1557), o batismo obrigatório dos escravos foi exclusivo do vigário desta igreja.

### 20. Chafariz d'el Rei (6 bicas)

Local frequentado por toda a população incluindo os escravos, muitos deles com a função de aguadeiros. Em 1551, uma postura municipal determinou que os escravos apenas podiam servir-se da primeira e da segunda bicas e as escravas da quinta bica.

### 21. Convento do Salvador

Na igreja do convento foi instituída, no início do séc. XVII, mais uma confraria sob a invocação de N<sup>o</sup>. S<sup>a</sup>. do Rosário dos Homens Pretos, neste caso, exclusiva da comunidade originária de Angola.

### 22. Convento da Graça

Na igreja do convento foi instituída, no séc. XVII, a confraria de N<sup>o</sup>. S<sup>a</sup>. do Rosário dos Homens Pretos. Atualmente, numa capela lateral da igreja, continuam presentes as imagens de quatro santos negros: St<sup>a</sup> Efigénia (princesa etíope, séc. I); St<sup>o</sup> Elesbão (imperador etíope, séc. VI); St<sup>o</sup> António de Noto e S. Benedito (ambos escravos sicilianos do séc. XVI).

### 23. Convento da Anunciada

Na igreja do convento foi instituída outra confraria também dedicada a N<sup>o</sup>. S<sup>a</sup>. do Rosário dos Homens Pretos.



A grande maqueta de Lisboa anterior ao Terramoto de 1755 foi concebida pelo olisipógrafo Gustavo de Matos Sequeira, que contou com o trabalho artístico de Ticiano Violante (edifícios) e Martins Barata (embarcações). Foi realizada em duas fases, na década de 50 do século XX, encontrando-se exposta no Palácio Pimenta desde 1982. Em 17 tabuleiros, representa-se a cidade nas vésperas do cataclismo, entre Alcântara e Santa Apolónia, entre o rio Tejo e uma linha a Norte pouco depois do Rato e da Senhora do Monte.

# Praça do Pelourinho Velho

---





**Passado e Presente – Lisboa, Capital Ibero-americana de Cultura 2017**

**Uma iniciativa da UCCI e da CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA (DIREÇÃO MUNICIPAL DE CULTURA E EGEAC)**

Presidente da Câmara Municipal de Lisboa **Fernando Medina**  
Vereadora da Cultura da Câmara Municipal Lisboa **Catarina Vaz Pinto**

Diretor Municipal de Cultura **Manuel Veiga**

Conselho de Administração da EGEAC **Joana Gomes Cardoso e Lucinda Lopes**

Coordenação geral da programação **António Pinto Ribeiro**

Direção do Museu de Lisboa **Joana Sousa Monteiro** | Coordenação do Museu de Lisboa – Palácio Pimenta e texto **Paulo Almeida Fernandes** | Investigação e texto **Ana Paula Antunes** | Projeto gráfico **Paula Serpa** | Fotografia **José Avelar e Diogo Pires** | Agradecimentos **Pároco da Igreja de Sta. Catarina** | **Paróquia de Sto. André e Sta. Marinha à Graça** | **Reitor da Igreja da Conceição Velha**

Iniciativa no âmbito do projeto  
Testemunhos da Escravatura. Memória africana



**gabineteestudos olisiponenses**

[www.lisboacapitaliberoamericana.pt](http://www.lisboacapitaliberoamericana.pt)

[www.museudelisboa.pt](http://www.museudelisboa.pt)

Museu de Lisboa – Palácio Pimenta | Campo Grande 245 | 1700-091 Lisboa  
Tel: 217 513 200 | e-mail: [info@museudelisboa.pt](mailto:info@museudelisboa.pt)

